

O desafio dos parques nacionais

DOMINGOS PEIXOTO



No topo. Um mirante na estrada do parque, em São José do Barreiro: paisagem restrita a visitantes que se dispõem a alugar um veículo, aventurar-se numa estrada pedregosa e se arriscar a invadir, inadvertidamente, áreas particulares

RENATO GRANDELLE
Enviado especial
renato.grandelle@oglobo.com.br

-SÃO JOSÉ DO BARREIRO (SP) E PARATY (RJ)- Entrar no Parque Nacional da Serra da Bocaina, uma das maiores áreas protegidas de Mata Atlântica, exige disposição e paciência. As condições precárias da estrada tornam um veículo 4x4 necessário. Além disso, a identificação na portaria é, muitas vezes, feita pelo preenchimento manual de um formulário. Neste caso, o ingresso na unidade de conservação não é garantido. Afinal, a guarita, a 26 quilômetros dali, pode barrar o turista, alegando que a autorização seria forjada. Não é possível conferir sua autenticidade, porque não há comunicação entre aquela área e a sede da administração.

Para caçadores e palmiteiros, no entanto, o acesso é muito mais fácil. A administração da Bocaina encontrou cerca de 60 entradas clandestinas no parque — lar de espécies ameaçadas como onças, jacutingas e muriquis. Impedir a entrada de criminosos é praticamente impossível. Trata-se de uma unidade de conservação de mil quilômetros quadrados, que se espalha por seis municípios, e é monitorada por apenas 14 fiscais.

'A JOIA DA COROA' ENTRE DUAS METRÓPOLES

As dificuldades de acesso e as práticas ilegais na Serra da Bocaina ilustram a situação precária dos parques nacionais. Embora não esteja incluída no Programa Parques da Copa, esta unidade é emblemática por sua localização, entre os dois maiores centros urbanos do país.

— Este parque deveria ser encarado como uma prioridade — destaca Ana Carolina Lobo, coordenadora de projetos e de relações institucionais do Instituto Semeia, que elaborou, no início do ano, um programa para aumentar a visibilidade da Bocaina. — A unidade é a joia da coroa entre os dois maiores polos emissores de turistas do país, Rio e São Paulo.

Mesmo sendo uma unidade de proteção integral, ainda existem dezenas de fazendas, presentes desde antes da criação da área de conservação, em 1971. O plano de manejo, jamais implementado, dificulta a tramitação dos processos. Um empresário não consegue vender sua fazenda, que fica a apenas cinco quilômetros da guarita do parque.

— O dono da casa vem aqui a cada três meses, e às vezes ele recebe a visita dos fiscais do ICMBio (o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, órgão responsável pela administração dos parques nacionais) — conta a caseira Vera Aparecida. — Os técnicos dizem que metade da propriedade está dentro da unidade de con-

UMA FLORESTA DE PROBLEMAS

BUROCRACIA, estradas precárias e falta de divisas desmotivam visitantes a subir a Serra da Bocaina



Descendo a serra. Estrada Paraty-Cunha, em estado precário de conservação, começou a ser pavimentada em maio

servação. Mas acho que nem eles sabem onde o parque começa.

Além do caminho tradicional da unidade, iniciado em São José do Barreiro, é possível explorar suas extremidades pela Estrada Paraty-Cunha. De seus 47 quilômetros, dez são dentro do parque. A pavimentação deste caminho só começou em maio, embora os recursos já estivessem liberados há mais de uma década.

A Paraty-Cunha será uma estrada-parque, um conceito que exige a preservação dos rios e a

criação de "bichodutos" — travessias aéreas e subterrâneas de animais.

No trecho fluminense do parque, o turista encontra outras mazelas. Em Angra dos Reis, boa parte do bairro Boa Vista foi construída dentro da unidade de conservação. Só aquela região concentra três mil habitantes em situação irregular. Como a infraestrutura disponível àqueles moradores está consolidada, a administração da Bocaina já considera esta área definitivamente perdida.

O parque acaba nas praias do Meio e do Ca-



chadaço, ambas em Trindade, distrito de Paraty. Deveria ser uma área de visitação restrita a um certo número de banhistas, e com monitoramento constante da qualidade da água e da areia, o que não ocorre. Por enquanto, a contagem de visitantes no território marítimo da Bocaina é informal, mas já se sabe que este número é muito maior do que o ideal para a preservação daquele ecossistema.

— Em apenas uma hora do domingo de Carnaval, 740 pessoas foram à piscina natural da Praia do Cachadaço, uma frequência totalmente inadequada para qualquer cenário ambiental — revela Francisco Livino, administrador do parque. — Pensamos em admitir apenas 80 pessoas por hora naquela região.

Em São José do Barreiro, único ponto a ter um controle formal de visitantes, a Bocaina recebe, em média, apenas 13 turistas por dia. Precisa aumentar. Estima-se que, no mesmo período, 550 banhistas procuram as praias de Trindade. Precisa diminuir.

O Instituto Semeia recomendou ao ICMBio a contratação de um consórcio que, na Serra da Bocaina, assumiria a comunicação entre as divisas da unidade, os projetos de arquitetura, a instalação de postos de fiscalização e o reforço da frota.

Para atender a todas as demandas, as empresas presentes no parque empregariam 90 pessoas. O ICMBio, por sua vez, precisaria ter pelo menos 30 funcionários lotados no parque — mais do dobro do efetivo atual. O Semeia acredita que estas medidas fariam a unidade de conservação ultrapassar, em menos de duas décadas, a marca de 1 milhão de frequentadores por ano — além de dobrar o PIB de São José do Barreiro, hoje de R\$ 31,1 milhões.

ICMBIO ADMITE DIFICULDADE DE ACESSO ÀS UNIDADES

PRESIDENTE DO INSTITUTO promete soluções para deficiências de parques visitados pelo GLOBO

VINIcius SASSINE
viniucus.jorge@bsb.oglobo.com.br

-BRASÍLIA- A concessão de serviços à iniciativa privada, a entrada de mais recursos a título de compensação ambiental de grandes obras e a ampliação de parcerias com estados e municípios são as soluções apontadas pelo presidente do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Roberto Vizenin, para a crítica situação dos parques nacionais, mostrada em série de reportagens do GLOBO iniciada no último domingo. O ICMBio está subordinado ao Ministério do Meio Ambiente e é o órgão responsável pela gestão e pelas po-

líticas para as unidades de conservação.

Vizenin, que preside o instituto há um ano e quatro meses, admitiu a realidade de baixo acesso dos brasileiros e de turistas internacionais à biodiversidade preservada nos parques.

— A série de reportagens revela uma realidade que nós admitimos, não podemos tapar o sol com a peneira. A estruturação dos parques nacionais é uma estratégia que o instituto vem tentando implementar — disse o presidente do ICMBio ao GLOBO, depois de assinar um termo de cooperação com o Google, que permitirá passeios virtuais por 30 unidades de conservação do país.

As concessões à iniciativa privada visam a serviços de visitação, infraestrutura e logística, segundo Vizenin. Parcerias público-privadas já ocorrem em unidades com grande público, como Fernando de Noronha (PE), Cataratas do Iguaçu (PR), Tijuca e Serra dos Órgãos (RJ). Esses espaços contam com serviços privados de ingresso, hospedagem e transporte. A gestão cabe ao ICMBio. A ideia é estender a parceria a outros parques.

— Estamos qualificando a gestão, elaborando para cada parque nacional um plano de investimentos e de negócios — afirmou Vizenin.

O presidente do ICMBio sustentou que os investimentos

previstos para os parques, com vistas à Copa do Mundo em 2014 e às Olimpíadas em 2016, serão executados, com a estruturação das unidades para receber os visitantes. O Programa Parques da Copa tem esse objetivo, mas ainda não tem recursos específicos.

— Uma coisa é realmente abrir os parques. A outra seria arrombá-los. Sem essas precauções com estrutura, trilhas e pessoas capacitadas para orientar o visitante, corre-se o risco de haver uma ocupação desordenada, um prejuízo à conservação — disse o presidente do ICMBio.

Vizenin prometeu soluções específicas para os parques visitados pela reportagem e mos-

trados na série de reportagens. Eleita a representante amazônica do Parque das Copas, Anavilhanas, em Manaus e Novo Ayrão (AM), terá mais equipamentos instalados, mais servidores e uma melhor parceria com o estado até a realização da Copa, em junho de 2014, conforme o presidente do ICMBio.

O Parque Nacional de Brasília, com apenas 1% da área utilizada pelos moradores da capital, tem uma nova gestão há um mês, responsável por medidas como a ampliação do uso da unidade. Já a prioridade para os parques Aparados da Serra e Serra Geral, em Cambará do Sul (RS), é a agilização da regularização fundiária, segundo Vizenin.

► SÉRIE: O DESAFIO DOS PARQUES NACIONAIS

DOMINGO:
Natureza para poucos

SEGUNDA-FEIRA:
Perda bilionária para setor turístico

TERÇA-FEIRA:
Piscina de problemas no coração do Cerrado

QUARTA-FEIRA:
Abismo fundiário

AMANHÃ:
O exemplo da África do Sul